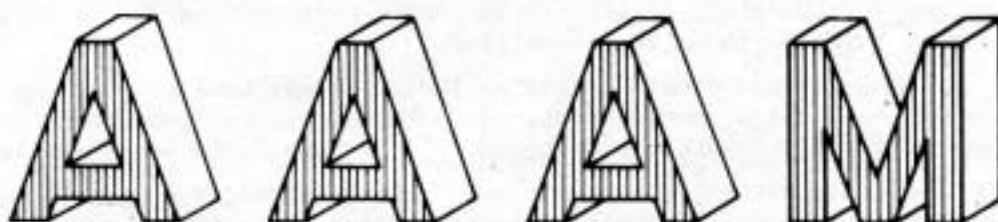




BOLETIM INFORMATIVO DA



Associação dos Alunos da Academia Militar

Nº 2 - 19 de Junho de 1975 * Impresso na A.M. - Lisboa

Por uma efectiva participação

Somos pela luta ideológica positiva, porque ela é uma arma que assegura a unidade no interior de qualquer associação que lute por fins justos. Todos os revolucionários devem pegar nessa arma.

O liberalismo, esse, rejeita a luta ideológica e preconiza uma harmonia sem base; daí resulta um estilo de trabalho decadente que nas associações, conduz certos membros à degenerescência política.

O liberalismo manifesta-se sob diversas formas.

Sabemos muito bem que alguém está a agir mal, mas porque se trata de um velho amigo, dum conterrâneo, dum colega de escola, dum amigo íntimo, dum pessoa querida, dum antigo colega ou subordinado, não nos empenhamos numa discussão sobre os princípios, e deixamos as coisas correr, com a preocupação de manter a harmonia e a boa amizade. Ou então, não fazemos mais que aflorar a questão em lugar de aprofundar a mesma com o objectivo de ficar de boas relações com o interessado. Resulta assim que fazemos mal tanto à colectividade como ao indivíduo. É uma primeira forma de liberalismo.

Entregamo-nos, em particular, a críticas de que não assumimos a responsabilidade em vez de fazermos sugestões à organização. Não dizemos nada de frente, mas com mexericos nas suas costas; calamo-nos nas reuniões mas falamos depois a torto e a direito. Rimo-nos do princípio da vida colectiva e somos levados por inclinações pessoais. É uma segunda forma de liberalismo.

Desinteressamo-nos completamente de tudo quanto não nos diga respeito pessoalmente; mesmo quando sabemos perfeitamente que alguma coisa não está bem, falamos disso o menos possível; como homens espertos, colocamo-nos em posições cómodas e temos por único objectivo não sermos apanhados em falta. Esta é a terceira forma de liberalismo.

Não obedecemos às ordens, e colocamos acima de tudo as nossas posições pessoais. Só esperamos atenções por parte da organização e não queremos a sua disciplina. Eis a quarta forma de liberalismo.

Em vez de refutar, de combater as posições erróneas, no interesse da união, do progresso e do bom cumprimento do trabalho, dirigimos ataques pessoais, procuramos questões, desafogamos o nosso ressentimento, procuramos vingar-nos. É a quinta forma de liberalismo.

Escutamos opiniões erradas sem pormos qualquer objecção, deixamos até passar propósitos contra-revolucionários sem os assinalar tomando-os com calma, como se de nada se tratasse. É a sexta forma de liberalismo.

Encontramo-nos com as massas, mas não fazemos nenhuma propaganda, nem agitação, não tomamos a palavra, não nos informamos, não fazemos perguntas, não tomamos a peito os destinos do povo, ficamo-nos na indiferença esquecendo-nos o papel que desempenhamos. É a sétima forma de liberalismo.

Vemos alguém cometer actos prejudiciais aos interessados das massas, mas não nos indignamos, não o aconselhamos, não o impedimos, não procuramos esclarecê-lo sobre o que se faz e deixamo-lo prosseguir. É a oitava forma de liberalismo.

Não trabalhamos seriamente mas por formalismo, sem plano e sem orientação, vegetamos, "enquanto for sacristão contentar-me-ei com tocar os sinos todos os dias". É uma nona forma de liberalismo.

Julgamos ter prestado grandes serviços à Revolução e damo-nos ares de veteranos; somos incapazes de fazer grandes coisas, mas desdenhamos das pequenas tarefas; relaxamo-nos no estudo. Essa é uma décima forma de liberalismo.

Cometemos erros, apercebemo-nos deles, mas não queremos corrigi-los dando assim provas de liberalismo contra nós próprios. Eis a décima primeira forma de liberalismo.

Poderíamos citar outras, mas estas onze formas são as principais.

São todas manifestações de liberalismo.

O liberalismo é extremamente nocivo nas colectividades progressistas e revolucionárias. É um corrosivo que rói a unidade, relaxa os vínculos de solidariedade, engendra a passividade no trabalho, cria a divisão. Priva as fileiras revolucionárias duma sólida organização e duma rigorosa disciplina e cria uma separação nítida entre as massas (os alunos) e a organização que os serve (a Direcção).

SER COMO O CHE

SE quisermos expressar como aspiramos que sejam nossos combatentes revolucionários, nossos militantes, nossos homens, devemos dizer sem vacilação alguma: que sejam como o Che!

SE quisermos expressar como aspiramos que sejam nossos combatentes revolucionários, nossos militantes, nossos homens, devemos dizer sem vacilação alguma: que sejam como o Che! Se quisermos expressar como queremos que sejam os homens das futuras gerações, devemos dizer: que sejam como o Che! Se quisermos dizer como desejamos que se eduquem no espírito do Che! Se quisermos um modelo de homem, um modelo de homem que não pertença a este tempo, um modelo de homem que pertença ao futuro, de coração digo que esse modelo sem uma só mancha em sua conduta, sem uma só mancha em sua atitude, sem uma só mancha em sua atuação, esse modelo é o Che! Se quisermos expressar como desejamos que sejam nossos filhos, devemos dizer com todo o coração de veementes revolucionários: queremos que sejam como o Che!

Fidel de Castro

RESTRUTURAÇÃO DA ACADEMIA MILITAR

Dada a evolução do processo revolucionário em Portugal até ao actual momento histórico, podemos afirmar estarem criadas as condições para a sua irreversibilidade, e, conseqüentemente, o caminhar decidido para uma democracia onde o povo seja verdadeiramente soberano, condição única para a existência de uma República Socialista Portuguesa.

Como cidadãos, e, principalmente, como militares devemos estar conscientes do papel fundamental das FA's no decorrer do longo processo de transformação por que terá de evoluir a sociedade portuguesa.

Assim, estas FA's terão de ser enquadradas por militares verdadeiramente revolucionários, e plenamente conscientes da sua missão histórica.

É neste sentido que teremos constantemente de orientar os nossos esforços, tendo sempre presente que não se pretende restaurar uma A.M. ultrapassada, mas sim criar uma nova, no sentido de se caminhar para umas FA's competentes, democráticas e revolucionárias, postas ao serviço do povo, do qual devem provir, e capazes de integrar a sociedade socialista que o Povo Português exige.

Deve ter-se em nota que esta criação poderá, e em certos casos deverá, revestir aspectos de mudança radical da actual Academia, transformando-a dum suporte do regime fascista, e de todas as suas estruturas que nela ainda se fazem sentir, numa Academia revolucionária.

Assim pesadas serão as responsabilidades de todos os camaradas que nesta transformação irão e têm o dever de colaborar.

Deverão ter em conta que para criarem uma instituição que sirva a Revolução, ela deverá ser caracterizada por uma estrutura que permita constantemente adaptar-se às novas condições que a dinâmica própria exige.

Por consequência e focando objectivamente as tarefas que se nos deparam, para o fim em vista alguns pontos fundamentais se deverão ter em conta.

Assim, uma nova instituição ao serviço das classes trabalhadoras será utópica se os novos alunos delas não provierem.

No aspecto dos cursos estes deverão ter em conta uma sólida motivação política, garante de uma formação profissional adequada às missões enunciadas, dizendo não ao tecnocracismo mas orientando-se no desenvolvimento da atitude crítica construtiva e conseqüente dinamização dos potenciais criadores humanos.

No capítulo de reestruturação orgânica pretende-se que esta reflecta uma funcionalidade e uma capacidade de decisão no evoluir constante do processo interno, ultrapassando uma estrutura de blocos estanques com todas as conseqüências nefastas. Como prioridade de acção neste campo e por razões em todos nós presentes impõe-se a curto prazo uma união geográfica dos dois aquartelamentos.

No aspecto disciplinar deverá procurar-se constantemente uma prática da disciplina consentida, subsequente à hierarquia por competência.

Por sua vez a dinamização cultural externa, deverá ser orientada por forma a consciencializar todos aqueles que, talvez por origem de classe nunca se tenham apercebido das reais condições do Povo Português.

Finalmente, o plano de defesa da unidade deverá não só prever a missão que o seu nome directamente indica mas, e principalmente, criar condições para um empenhamento total em qualquer ponto onde se faça sentir a necessidade da defesa da Revolução.

O Grupo de Coordenação

MILITARES-CIDADÃOS

Pensar que o Socialismo se constrói com declarações verbais de exacerbada "revolucionarite" é, no mínimo, cometer delito de lesa-consciências. Tal como não é acertado julgar-se que a caminhada se fará de maneira cômoda e uniforme.

E isto porque, se o 25 de Abril foi porta que se abriu para o futuro, criou, todavia, no presente, tarefas bem concretas que exigem de todos nós um empenhamento real e constante, com todos os sacrifícios que uma verdadeira militância revolucionária comporta.

Só se aprende Democracia, de facto, no efectivo exercício da Liberdade responsável. Não é, pois, um conceito abstracto mas antes uma constante adaptação activa e crítica, de cada um, e de todos, à realidade histórica do momento. É a evolução dialéctica de valores e respostas que devemos buscar, criando condições que permitam o aperfeiçoamento progressivo das relações humanas, rumo à sociedade sem classes.

Assim, é urgente que nós, alunos da Academia Militar, reflectamos profundamente sobre a nossa realidade e que dessa análise surja a resposta adequada à solução dos problemas concretos do presente.

Aqui se estão formando os futuros continuadores da Revolução. Daqui sairá a força revitalizadora das Forças Armadas, que lado a lado com o Povo a que pertencem defenderão a Revolução dos seus inimigos.

Útil será lembrarmo-nos de um passado ainda recente, em que nos deixávamos adormecer numa rotina calma de soluções tecnocratas, para que a necessidade dum firme tomada de consciência, face à missão que sobre nós recai, se torne imperativa.

Ninguém duvida da necessidade real que o País tem de bons técnicos. Mas, técnicos que, embora competentes e rigorosos, não esqueçam nunca a sua condição de militares-cidadãos e exerçam os seus direitos como homens livres e solidários com os seus semelhantes.

Conciliar a preparação técnica dos seus alunos com uma sólida formação humana, eis a tarefa prioritária da Academia Militar - de todos nós.

PRECISAMOS, POIS, TRABALHAR

Que esse trabalho se exerça a todos os níveis e não numa única actividade rotineira e mecânica.

Que nunca se lhe retire o carácter de direito inalienável e se não transforme a sua força criadora em simples bem de consumo.

Exigem-no a consolidação da Democracia e a nossa consciência finalmente liberta.

"Muitos te perguntavam:

Onde está tua pátria verdadeira?

E tu respondias:

Onde possa lutar pela Revolução".

Cu Hoy Can

TODO ESTUDANTE UM TRABALHADOR

I - UM PRINCÍPIO BÁSICO NA EDUCAÇÃO EM CUBA

O princípio básico da educação em Cuba é a vinculação entre o Estudo e o Trabalho. Este sistema tem um carácter educativo, formativo e a actividade que se realiza nas Escolas tem por fim criar hábitos de trabalho e consciencializar o educando como produtor. Com a aplicação deste princípio pedagógico revolucionário integram-se todos os estudantes, de uma forma directa, nos programas de desenvolvimento económico-social da Nação. Porque há um facto evidente: um país pobre nunca poderia dar educação a todos, excepto se todos participarem nas actividades produtivas; caso contrário ter-se-ia que condenar uns a não estudar enquanto que, só uma minoria o poderia fazer. Este sistema, além de trazer uma contribuição para a economia, tende a fazer desaparecer a diferença entre o trabalho manual e o intelectual, uma das grandes ideias da Futura Sociedade.

Hoje em dia, o custo da educação, em Cuba, aproxima-se dos 500 milhões de pesos/ano. Em 1980, o valor da produção de um milhão de jovens estará acima do custo de toda a educação, mesmo que este custo ultrapasse os 1.000 milhões de pesos.

II - ENSINO PRIMÁRIO

Desde a Escola Primária que as crianças recebem uma ampla instrução, aprendendo a amar o estudo e o trabalho.

Na 1ª. classe, com 6 anos, procedem à cultura de vegetais e efectuem alguns trabalhos fáceis ligados à jardinagem. Assim, logo que começam a fazer uso da razão, adquirem a ideia de como se produzem os bens materiais, de que eles não caem do céu, sendo necessário trabalho para os produzir. Além disso, adquirem um conceito mais digno de trabalho - não o considerando como um sacrifício, como algo de desprezível, mas sim como um prazer, como algo agradável; não como um dever mas como uma necessidade moral, como uma forma de empregar o tempo dignamente, utilmente. Nas Escolas rurais, as crianças dedicam 50% da sua actividade ao estudo, 30% ao trabalho produtivo e 20% à educação física, actividades desportivas e recreativas em geral.

Nas Escolas Urbanas existem determinados tipos de oficinas para que as crianças também possam produzir, tendo a consciência de que o esforço que estão a fazer é para criar artigos que têm utilidade.

III - ENSINO SECUNDÁRIO

As Escolas Secundárias encontram-se espalhadas por todo o país. O trabalho aí realizado é fundamentalmente pedagógico não sendo improdutivo. Há muitas actividades realizadas pelos jovens e que não são trabalhos duros. Realiza-se então o ideal proclamado pelos pedagogos mais avançados de que, na formação do homem, desde a mais tenra idade, as actividades productivas devem estar ligadas às actividades educacionais.

As Escolas de Campo não são escolas de especialização. Lá, não se especializam os jovens em agricultores. São escolas em que se realizam actividades productivas, em que os estudantes criam bens materiais com as suas próprias mãos, realizam trabalho produtivo manual, além do trabalho intelectual. Neste tipo de Escola adquire-se uma educação geral, baseada na prática em laboratórios, com algumas actividades de investigação em certos círculos de interesses científicos.

Trata-se pois de Escolas de carácter integral, numa fase da educação dos jovens antes da passagem aos cursos superiores. A construção da Escola Secundária no campo corresponde a uma dupla necessidade: por um lado um número cada vez maior de jovens podem estudar dentro deste sistema ligando o estudo ao trabalho, e por outro lado vão deixar livres as Escolas Urbanas satisfazendo a crescente necessidade de instalações para Escolas Primárias.

As Escolas Vocacionais - Escolas onde se ensaiam novos métodos de ensino, onde se promove o espírito de investigação, onde existem as condições para que as vocações individuais possam alcançar o máximo de desenvolvimento - são frequentadas por aqueles que obtiverem melhores resultados no ensino primário. Também aí os estudantes participam no trabalho industrial e agrícola.

Na "Escola Lenin" - escola vocacional da província de La Havana - o trabalho industrial desenvolve-se em 4 oficinas de indústria electrónica, 3 de indústria desportiva e uma de montagem de rádios. Em qualquer destas oficinas, trabalham grupos de ambos os sexos.

O tempo de trabalho é de 3 horas diárias e existem 3 turnos diferentes; com o fim de os vincular a um determinado tipo de produção, são sempre os mesmos alunos que trabalham numa determinada oficina.

Na indústria electrónica há 44 postos de trabalho em cada turno, com uma capacidade total de 133 alunos desde o 2º ao 7º ano, que trabalham nesta especialidade. Os estudantes dedicam-se à montagem de computadores digitais 201-B, fabricados em Cuba. Para isso contam com o apoio de técnicos do Centro de Investigação Digital.

A produção alcançada pelos alunos, neste momento, é de 30 calculadores electrónicos montados, por ano. O trabalho na indústria desportiva foi a primeira experiência industrial que começaram a desenvolver os alunos desde Outubro de 1972. Este trabalho compreende a confecção de bolas de beisebol infantis, e a recuperação de bolas para os jogos oficiais, de luvas infantis, bolas de voleibol e futebol e a confecção de camisas e calções para as actividades desportivas. Nesta actividade trabalham somente raparigas enquanto que nas outras participam alunos de ambos os sexos.

Em 1975 alcançou-se uma produção superior a 1.000.000 pesos em toda a indústria desportiva.

Outra das actividades productivas dos alunos é a montagem de rádios de pilhas, marca "Agrícola", assim denominados por se destinarem à população rural.

146 alunos produzem diariamente uma média de 110 rádios. Em todas estas actividades industriais faz-se, cada dia, uma avaliação do trabalho realizado. Esta análise faz parte do programa educativo e contribui para que os jovens ganhem consciência do seu dever e atitude perante o trabalho. Também existe uma fábrica de pilhas secas em que a produção alcança 35.000.000 pilhas/ano.

Estas indústrias oferecem capacidade para que nelas trabalhem um total de 3.000 alunos, vinculados no plano "estudo-trabalho".

Como parte integrante da concepção pedagógica de estudo e trabalho, os alunos da "Escola Lenin" também realizam trabalho produtivo agrícola quer numa horta anexa à escola quer em campos de vegetais ou de árvores cítricas da zona. Na agricultura trabalham cerca de 2.000 alunos, em grupos e por turnos, durante 3 horas/dia.

Na horta, que ocupa uma superfície de 27 hectares, cultiva-se uma larga gama de produtos agrícolas: tomates, pepinos, alfaces, rābanos, beringelas, etc. A produção é toda destinada ao auto-consumo da escola. Em 1973, obteve-se uma colheita de 5.400 quintais de vegetais. São os alunos que preparam, adubam, semeiam a terra e fazem a colheita.

O campo de vegetais, situado a 6 km da escola, tem uma área de 400 hectares onde se cultivam 14 tipos de vegetais diferentes. A produção deste campo é destinada à população. No pomar, que tem cerca de 33 hectares, existem 6.700 árvores (laranjeiras, limoeiros e outros cítricos).

Participam também, no trabalho produtivo, os professores - que o fazem de forma voluntária e com fins educativos - assim como os alunos do último ano que, nas funções de chefes de grupo, garantem a quantidade e a qualidade da produção dos restantes estudantes. Além disso, os alunos são ajudados e orientados por trabalhadores agrícolas da região.

Outros alunos têm a seu cargo tarefas de instrutores nas actividades educativas e de auxiliares pedagógicos.

IV - ENSINO UNIVERSITÁRIO

Como toda a restante educação, os estudos superiores são uma actividade fundamental. Esta actividade não tem só o fim de formar quadros técnicos e científicos de todos os tipos que o país necessita mas também desenvolver e formar as características morais e de consciência dos homens que irão constituir a nova sociedade e nela viver.

O estudo na Universidade, em Cuba, não se concebe como uma actividade que diga respeito somente aos livros, à leitura, às aulas, aos laboratórios. Estes são aspectos importantes, mas há outros de igual importância na formação de um profissional, de um técnico revolucionário.

Entre estes, teremos que distinguir, em primeiro lugar, o trabalho. Trabalho já não visto como uma actividade agrícola productiva durante um certo período, mas sim como uma actividade diária e sistemática onde se requer a assistência e a pontualidade do estudante já que são factores integrantes da sua formação.

Além desta actividade fundamental, sempre relacionada com o tipo de curso que frequentam, os estudantes participam noutras que fazem parte do sistema educacional, tais como: estudo político, actividades de conteúdo político, desporto, educação física, actividades culturais e, até mesmo, docência.

Fazem parte da direcção da Universidade, o Partido e as organizações políticas, juvenis e de massas, que elaboram os planos de curso nos quais se consideram todas as actividades mencionadas.

Os estudos universitários estão organizados, actualmente, segundo três sistemas diferentes: o chamado Curso Regular, também conhecido por Estudo-Trabalho, devido ao conteúdo das actividades diárias dos alunos, onde são incorporados todos os estudantes procedentes das Escolas Secundárias e Tecnológicas; os Cursos Dirigidos (por correspondência) que são constituídos na totalidade por trabalhadores que, pelas características do seu trabalho ou pela situação do seu domicílio, não podem receber outro tipo de ensino; finalmente, os que ingressam na Universidade, sem abandonar a sua condição anterior de trabalhador e cursam os estudos universitários através de uma acomodação da sua carga docente e da sua responsabilidade como trabalhador, sistema este denominado de Trabalho-Estudo.

Desde o último ano antes da Revolução até 1971, as matrículas na Universidade aumentaram de 66% e neste momento mais de 50% dos estudantes que frequentam a Universidade são Trabalhadores-Estudantes.

No curso de 1971/72 matricularam-se 21.121 alunos em 47 diferentes ramos, em Escolas situadas em diferentes pontos da capital incluindo a Cidade Universitária, onde se encontra a Faculdade de Tecnologia e em outras áreas docentes e de investigação em diferentes zonas das províncias de La Havana, Matanzas e Pinar del Rio.

Porém, o conceito de Cidade Universitária, em Cuba, encontra-se em transformação porque também se transformam as realidades. No passado, a ideia de cidade universitária consistia essencialmente numa zona onde se reuniam todos os edifícios de uma universidade. Actualmente e no futuro será impossível limitar desta maneira o conceito de cidade universitária ou de universidade. Quer dizer, não existe uma cidade capaz de albergar a Universidade, pois o seu conceito é demasiado dinâmico, demasiado prático para que se possa situar num conjunto de edifícios. Da mesma maneira que a Faculdade de Medicina está perto dos hospitais, a Faculdade de Tecnologia está situada perto de um centro industrial como a capital e a Faculdade de Ciências agro-pecuárias está onde se pratica a agricultura e onde estão os animais: no campo.

A Universidade é pois uma instituição cujo conceito se amplia cada vez mais e que terá que abarcar, de facto, todo o território nacional.

É, desta forma, que em Cuba se resolve a contradição entre as carências actuais e a imensa necessidade de desenvolvimento social, de desenvolvimento tecnológico e de desenvolvimento económico; a contradição entre as carências existentes e a aspiração de universalizar o ensino e educar todas as crianças e todos os jovens.

Este tipo de educação para a vida e para o trabalho, é absolutamente essencial na pedagogia revolucionária; é um conceito inseparável da pedagogia revolucionária: o hábito de trabalho como algo de natural e de normal.

Ou, não será educar, preparar o Homem, desde que começa a ter consciência para cumprir os seus mais elementares deveres sociais, para produzir os bens materiais e espirituais que a sociedade necessita e a produzi-los, com a mesma obrigação, TODOS?



COMUNICADO

O Grupo de Coordenação da reestruturação da Academia Militar elaborou o seguinte comunicado que foi difundido pela Imprensa através da 5.^a Divisão do E.M.G.F.A.:

1 — O comando da Academia Militar determinou em 2 de Junho de 1975 o encerramento imediato das actividades escolares, com vista a concentrar os esforços dos corpos docentes e discentes num profundo trabalho de reestruturação da Academia, de colaboração com todos os outros sectores da Unidade, no sentido de a colocar verdadeiramente ao serviço da Revolução e das classes trabalhadoras.

2 — Tendo em conta a importância da decisão tomada, entende o comando com pleno acordo do Grupo de Coordenação e de Planificação Global dos Trabalhos de Reestruturação que devem ser divulgadas as medidas tomadas na sequência daquela decisão, explicada a sua origem, e apontados os seus objectivos, porque: a) ao País cabe o direito de ser informado; b) a Academia Militar, ao pretender colocar-se inequivocamente ao serviço do povo, deve constituir mais um estímulo para todos os que, efectivamente estão interessados no processo revolucionário em curso.

3 — Recorda-se que o Conselho da Revolução, consciente da necessidade urgente de a Academia Militar formar oficiais que possam garantir a consolidação da Revolução e consciente, também, dos anseios dos alunos no mesmo sentido, decidiu, como é já do conhecimento público, delegar num dos seus membros o comando da Academia Militar.

O encerramento das actividades escolares resultou de uma proposta dos alunos militares da Academia, que mereceu a aprovação deste comando. Esta proposta previu também a constituição de diversos grupos de trabalho para se debruçarem sobre todo o funcionamento da Academia Militar: cursos, condição de admissão de alunos, reestruturação orgânica, dinamização política e cultural, plano de defesa da Unidade, etc., encabeçados pelo já referido Grupo de Planificação Global.

4 — A actividade de todos estes grupos, já iniciada, apoia-se em professores e alunos oficiais dos vários órgãos da Academia Militar e no parecer de comissões representativas de sargentos, praças e trabalhadores civis. Essa actividade foi orientada com base num texto chamado de apoio ideológico, em que se salienta:

a) A firme convicção da irreversibilidade do processo revolucionário; b) a necessidade de uma profunda alteração de estruturas da Academia Militar e não apenas uma pequena reforma técnica; c) o facto de os alunos da Academia Militar deverem provir do povo, pois que ao seu serviço se irão colocar.